



## **METODOLOGIA DE CATALOGAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO ACERVO FOTOGRAFICO DO MUSEU ETNOGRÁFICO DA COLÔNIA MACIEL**

**GEHRKE, Cristiano<sup>1</sup>; SILVEIRA, Graciela<sup>2</sup>; CERQUEIRA, Fábio<sup>3</sup>;**

<sup>1,2</sup> Acadêmicos do curso de Licenciatura em História, estagiários do MECOM<sup>3</sup> Doutor em Antropologia Social e coordenador do MECOM

*Museu Etnográfico da Colônia Maciel - Pelotas/RS*

*lepaarq@ufpel.edu.br*

### **1. INTRODUÇÃO**

A Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, por meio do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia/LEPAARQ, dá início no ano de 2001 a um projeto de pesquisa com o objetivo principal de preservar a memória da imigração italiana na Colônia Maciel, 8º distrito de Pelotas/RS<sup>1</sup>. Para tanto, se deu a organização e catalogação de material iconográfico, oral e de cultura material referentes a essa colônia, os quais, apoiados em extensa revisão bibliográfica e pesquisa documental, deram subsídios para a criação, em junho de 2006, do *Museu Etnográfico da Colônia Maciel*.

Uma vez inaugurado, o Museu proporciona aos seus visitantes o conhecimento de um pouco do legado da cultura italiana da região, através da visualização de objetos que reportam a costumes tipicamente coloniais.

---

<sup>1</sup> PEIXOTO, Luciana da Silva. *Memória da imigração italiana em Pelotas/RS. Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas*. Pelotas: UFPEL, 2003. (Monografia de Conclusão do Curso de História da UFPEL).

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Com a expografia baseada em um diálogo triangular entre três fontes: cultura material, iconografia e fontes orais, o Museu oferece subsídios a pesquisadores e é neste sentido que o Museu se distingue dos centros de documentação ou das próprias universidades, já que toda a produção científica é devolvida ao público na forma de exposições.

A fotografia tem grande destaque nesta instituição, cerca de 80% do acervo. Ela é utilizada para despertar o interesse das pessoas, na materialização de uma idéia, confirmando ou refutando o que revela o documento escrito; porém, ela não é um retrato fiel dos fatos, ela tem o poder de criar fatos através de fantasias. Assim como afirmou Maria Eliza Linhares Borges<sup>2</sup>, a fotografia não pode ser encarada como um testemunho bruto dos fatos sociais, como uma duplicata do real (BORGES, 2003, p.15).

Seja pela importância que esta tipologia de acervo desempenha nesta instituição, seja pela infinidade de pesquisas que podem ser realizadas tendo como fonte principal este acervo, sua conservação reveste-se de extrema importância. Como exemplo de possíveis temáticas, que podem ser estudadas a partir deste acervo, podemos lembrar os papéis sociais, a moda, questões de gênero, tipos de habitação e religiosidade. Portanto, dada a importância da curadoria deste material, o presente trabalho visa a abordar algumas técnicas de conservação e preservação<sup>3</sup> adotadas no *Museu Etnográfico da Colônia Maciel*.

As fotografias, tão logo incorporadas ao acervo do Museu, foram identificadas, ainda no ato de doação, interrogando-se o doador sua época, fatos e personagens retratados. Em seguida, foi colocado o número de identificação em cada fotografia, de maneira discreta, sobre o original, no canto inferior direito, a lápis. Subseqüentemente, procedeu-se à higienização com um pincel macio, manuseando os originais, quando necessário, com o uso de luvas descartáveis, para

---

<sup>2</sup> BORGES, Maria Eliza Linhares. *História e fotografia*. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

<sup>3</sup> De acordo com a Carta de Burra (ICOMOS, 1980) *conservação* são os cuidados dispensados a um bem para preservar-lhe as características; e *preservação* é a manutenção do estado da substância e a desaceleração do processo pelo qual ele se degrada.

evitar a propagação de microorganismos assim como do suor e gorduras, presentes na pele humana.

Após a higienização completa do acervo, todas as fotografias foram digitalizadas, criando-se, no computador, arquivos, onde as fotografias ficam classificadas conforme a procedência, procedendo-se imediatamente à produção de cópias de segurança destes arquivos, por meio de processo de digitalização. Esta medida foi tomada para auxiliar na conservação, evitando ao máximo a manipulação dos originais: uma vez reproduzidas, seu acesso fica facilitado, tanto para pesquisadores quanto ao público em geral.

Para evitar a perda de qualquer informação das fotografias, elaborou-se uma ficha de catalogação<sup>4</sup>, onde são anotadas todas as informações referentes às fotografias, tanto as intrínsecas<sup>5</sup>, quanto as extrínsecas<sup>6</sup>.

Todas as fotografias foram medidas e suas inscrições transcritas para as fichas de catalogação. Nestas fichas, são anotadas informações variadas, tais como: como doador, data de doação, identificação dos personagens presentes na fotografia, estúdio fotográfico, responsável pela produção do documento, tipo de material, técnica utilizada, entre outras informações<sup>7</sup>.

Após a limpeza e digitalização do todo o acervo fotográfico, as fotografias foram todas embaladas individualmente em papel de seda e, logo após, colocadas em um envelope de ofício; vale ressaltar que cada fotografia é embalada individualmente e cada uma recebe seu próprio envelope<sup>8</sup>. Nestes envelopes, é colocado no canto superior esquerdo o número da fotografia que se encontra no seu

---

<sup>4</sup> São fichas de catalogação provisórias, criadas no programa Excel da Microsoft pela própria equipe do Museu; porém pretende-se adquirir um programa específico para registro de informações, programa que possibilite a busca de objetos através de palavras chave.

<sup>5</sup> São informações deduzidas do próprio objeto, a partir de suas análises físicas.

<sup>6</sup> São informações de natureza documental, obtidas de outras fontes, que não o objeto, elas nos permitem conhecer a conjuntura na qual o objeto existiu e/ou funcionou, é a chamada pesquisa bibliográfica.

<sup>7</sup> CÂNDIDO, Maria Inez. *Documentação museológica*. IN: Caderno de diretrizes museológicas I. Brasília. MinC/IPHAN/Depto. de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte, Secretaria de Estado e Cultura, Superintendência de Museus, 2ª edição, 2006.

<sup>8</sup> Sabe-se que a maneira correta de acondicionamento deste material é a sua colocação em pastas poliondas, sendo que cada foto deve ser embalada individualmente em papel japonês ou papel neutro, porém devido a limitações de ordem financeira, a alternativa mais viável encontrada foi esta.

interior, para facilitar ao máximo a localização do documento, evitando assim a manipulação desnecessária. Estes envelopes foram colocados em caixas acrílicas, com aberturas na tampa para facilitar a passagem de ar e evitar a criação de microclima.

Vale ressaltar que existem fotografias que, devido às suas dimensões, tiveram de ser embaladas apenas com uma folha de papel de seda e depois colocadas em pastas poliondas.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Além destas medidas, tem-se o cuidado de nunca utilizar os originais em exposições. O Museu, ao longo de sete anos de existência como projeto de pesquisa, já realizou inúmeras exposições fotográficas; para tais, o Museu possui uma coleção de fotografias impressas em tamanho A3, reproduzidas a partir dos originais.

Assim como sugere a palavra preservação, observa-se o acervo previamente, o que faz com que se diminuam os riscos. Num intervalo de cada três meses, todo o acervo é examinado cuidadosamente a fim de detectar qualquer problema. E, num intervalo de seis meses, todo acervo, mesmo estando guardado, é limpo, para depois novamente ser guardado.

### **4. CONCLUSÕES**

Sabe-se que o trabalho não terminou, pelo contrário, apenas foi feita a primeira parte de um longo processo que visa a proporcionar o máximo de vida útil a um acervo tão importante para a reconstrução da história de Pelotas.

### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

PEIXOTO, Luciana da Silva. **Memória da imigração italiana em Pelotas/RS. Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas.** Pelotas: UFPel, 2003. (Monografia de Conclusão do Curso de História da UFPEL).

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e fotografia.** Belo Horizonte: Autentica, 2003.

CÂNDIDO, Maria Inez. *Documentação museológica.* IN: **Caderno de diretrizes museológicas I.** Brasília. MinC/IPHAN/Depto. de Museus e Centros Culturais. Belo

Horizonte, Secretaria de Estado e Cultura, Superintendência de Museus, 2ª edição, 2006.